

IN MEMORIAM

ÉDISON CARNEIRO

1912-1972

Édison de Souza Carneiro nasceu a 12 de agosto de 1912 em Salvador, cidade onde realizou todos os seus estudos até diplomar-se, pela Faculdade de Direito, na turma de 1935. Muito cedo iniciou-se no jornalismo local e foi um dos participantes do movimento de jovens intelectuais reunidos na "Academia dos Rebeldes", grupo de marcante atuação intelectual e política na Bahia no começo da década de trinta. Desde essa época, Carneiro se entrega à sua decidida vocação de pesquisador, sistemático e lúcido desde suas primeiras incursões nesse campo. Numa série de artigos publicados n'*O Estado da Bahia*, descreve e comenta costumes populares da Bahia, notadamente os cultos religiosos do *candomblé*, tema este que viria a desenvolver mais tarde em obras definitivas da etnologia brasileira. A obra de Carneiro, na sua surpreendente diversidade, pode ser reunida em duas vertentes principais, que representam dois aspectos dominantes de sua atividade intelectual: a pesquisa etno-histórica e os estudos sobre o folclore nacional. Como pesquisador — e como jornalista que nunca deixou de ser — Carneiro esteve sempre voltado para a defesa dos interesses e da cultura de seu povo, consciente de sua identidade étnica e preocupado com a valorização da cultura brasileira nos seus aspectos integrativos totais — sociais, culturais e políticos. Foi um pesquisador incansável da religiosidade popular, participante e observador das comunidades religiosas dos terreiros em que se integrava com a naturalidade de uma vivência cotidiana. Foi igualmente um estudioso dos movimentos libertários dos escravos; da tradição, dos costumes e da linguagem do povo da Bahia. Fez, assim, etnologia e historiografia e foi seguramente o pioneiro de uma nova abordagem dos estudos folclóricos no Brasil.

Carneiro representa um tipo de "intelectual de transição", que marcou fundamentalmente todo um período da história da inteligência brasileira na primeira metade deste século. Bacharel em Direito — ele às vezes dizia, "com toda a gente" — pouco advogou, entretanto. Jornalista e professor, foi, sobretudo, um estudioso sério e sempre interessado em aperfeiçoar seu equipamento teórico e metodológico com o que procurava esclarecer suas dúvidas na análise e na interpretação da realidade brasileira, por ele sempre intensamente vivida. Foi Carneiro, sem dúvida, dos últimos representantes — e certamente o mais notável — de uma geração que se debatia entre estruturas acadêmicas recém-criadas e a tradição empírico-vocacional, desordenada mas criativa, predominante na época. Com sua obra foi, assim, Carneiro um divisor de duas tendências no campo dos estudos sociais no Brasil e, contemporâneo de ambas. Ele inicia, com invejável modéstia e invulgar seriedade, na sua obra, uma nova linha metodológica nos chamados estudos afro-brasileiros. Foi Carneiro quem alertou definitivamente os estudiosos para a contribuição dos grupos bantos na formação da fisionomia cultural do Brasil, iniciando, com seu livro *Negros Bantus*, o processo de

revisão das posições cristalizadas no etnocentrismo nagô-iorubá dos trabalhos pioneiros de Nina Rodrigues e Arthur Ramos. Estudou, ainda, os movimentos rebeldes dos escravos, notadamente o quilombo dos Palmares, numa abordagem sócio-histórica que se mantém válida e que abriu caminhos para as novas análises da historiografia dos movimentos libertários dos escravos no Brasil. Por outro lado, com seu livro *Candomblés da Bahia*, Carneiro definiu um roteiro metodológico que desde então tem servido de guia básico para todos os pesquisadores que, a partir daquela monografia, têm estudado os candomblés da Bahia e os cultos afro-brasileiros no Brasil. Desde sua publicação, em 1948, esse livro despretensioso e já clássico tem sido referido como obra indispensável de consulta. A organização social dos terreiros; sua economia; o simbolismo de sua linguagem e de seu ritual; as hierarquias míticas e o sistema de controle intra-grupal — tudo isto ali está, como um guia definitivo que tanto tem servido às análises posteriores, de certo mais sofisticadas no grau de abstração teórica e de amplitude temática, que têm sido feitas nesse campo. Numa obra mais recente, *Ladinos e Crioulos*, uma coletânea de artigos e ensaios sobre diferentes aspectos das culturas negras no processo cultural brasileiro, Carneiro levanta novas questões, de caráter mais sociológico que etnológico, sempre na sua linha coerente de valorização crítica da contribuição do negro à formação social e política do Brasil.

Sua atividade incessante e marcada pela incompreensão e pela injustiça com que foi, por vezes, julgado e tratado, no esforço pela preservação dos valores culturais brasileiros; a história de sua participação na *Campanha da Defesa do Folclore Brasileiro* (de que foi o criador e primeiro Diretor), são assuntos que serão, um dia, devidamente avaliados no panorama da cultura nacional. Nesse campo de estudos e de constante atividade, deixa Carneiro, além da própria filosofia da *Campanha*, uma obra considerável, em que se destacam o provocativo *A Inteligência do Folclore* e a fundação da *Revista do Folclore*. Vale ainda ressaltar um aspecto da obra de Carneiro, por assim dizer, mais participante, em que seu espírito democrático se voltou, com paixão mas nem por isso com menos rigor crítico, para o que ele chamou de “compreensão das idéias de Castro Alves” e dos movimentos revolucionários brasileiros do começo do século XIX. No campo da historiografia e da história social deve-se lembrar uma obra pouco conhecida que está a merecer uma nova edição, *A Conquista da Amazônia* e também *A Cidade de Salvador*, em que aborda questões da formação, da delimitação e do povoamento de sua cidade.

Carneiro foi um grande animador e participante de sociedades e de institutos dedicados a estudos da cultura brasileira e participou de numerosos congressos e reuniões nacionais e internacionais no amplo espectro de suas indagações e de seu trabalho. Foi Professor na Biblioteca Nacional e representou o Brasil em diversas missões culturais no exterior.

Faleceu no Rio de Janeiro, a 2 de dezembro de 1972, deixando viúva D. Madalena Botelho Carneiro, com quem se casara em 1940, e dois filhos, Lydia e Philon. Seus pais foram o Professor Joaquim de Souza Carneiro — também um estudioso das culturas africanas no Brasil — e D. Laura Coelho de Souza Carneiro.

Vivaldo Costa Lima
Universidade Federal da Bahia.